



MP 936: envie sua mensagem aos senadores e ajude a derrubar item que altera jornada de trabalho

A Diretoria da APCEF/RJ engrossa o movimento que busca a exclusão na MP 936 da alteração no artigo 224 da CLT, que atinge diretamente a jornada dos bancários. Com o adiamento da votação da MP no Senado para a próxima terça-feira (16), às 14h, os empregados da Caixa ganharam mais um tempo para enviarem mensagens aos senadores pedindo pela derrubada do item, que altera a jornada de 6h dos bancários. Faça já a sua parte!

APCEF/RJ entrevista Maria Fernanda Coelho, ex-presidente da Caixa

Pernambucana e formada em Jornalismo, Maria Fernanda é empregada da Caixa desde 1984. Assumiu, em 2003, a Superintendência Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social do banco. No ano de 2006, durante o governo Lula, foi a primeira mulher a presidir a Caixa – de março de 2006 até 24 de março de 2011 –, onde implantou programas como o “Minha Casa, Minha Vida” e o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Na entrevista, a ex-presidente falou sobre a sua gestão, as ameaças de privatização, impacto do atual governo na instituição e muito mais.

Quais foram os principais avanços da Caixa em sua gestão?

Maria Fernanda – Jorge Mattoso presidiu a Caixa de 2003 a 2006, nós estivemos no segundo mandato do presidente Lula. Muitas de nossas ações foram continuidade aos avanços e decisões tomadas naquele momento. Posso ressaltar a valorização dos empregados e uma das decisões mais importantes foi a reversão da terceirização, implantada em 1990. Em 2003, tínhamos mais de 27 mil postos terceirizados e 57 mil empregados. Em 2010, passamos de 83 mil empregados. Os últimos terceirizados foram desligados em 2009. Foi entregue a primeira agência Barco, Ag. Chico Mendes; cumprimos a meta de 1 milhão de moradias contratadas no programa Minha Casa Minha Vida, lançado em 2009; além, é claro, do crescimento nos ativos totais e lucro líquido da Caixa.

A Caixa teve o seu papel social fortalecido a partir de 2003. Principalmente nesse sentido, a gestão de Pedro Gui-

marães não para de dar pedaladas para trás. O que fazer para frear a política de enfraquecimento e retrocesso imposta atualmente na Caixa?

Maria Fernanda – Os empregados, sindicatos, associações tem um papel muito importante na defesa da instituição 100% pública. Só com muito diálogo e mobilização será possível impedir o projeto de Paulo Guedes e Pedro Guimarães de privatizar a instituição, agora com nova roupagem, diferente da proposta em 2002. “Desalavancar” e “fatiamento” são novos nomes que ambos usam para o mesmo fim, privatizar a empresa.

O governo Bolsonaro não esconde sua cega linha privatista. O que fazer para impedir que a Caixa seja atingida e o que significaria a sua privatização?

Maria Fernanda – Não há como termos retomada. O PIB caiu 1,5% no primeiro trimestre, e olha que não há ainda o impacto da pandemia! Já se projeta queda superior a 7% para 2020, sem políticas públicas que busquem reduzir as desigualdades sociais,

sem crédito para as empresas e para as famílias. A privatização significa abdicar do futuro.

Como você avalia a dedicação e comprometimento dos trabalhadores da Caixa diante da situação de calamidade pública atual?

Maria Fernanda – A dedicação, a competência e o espírito público tem o reconhecimento do povo brasileiro, de todos nós. Fazem a diferença na vida das pessoas mais pobres. Além disso, os empregados e aposentados tem participado de diversas ações solidárias junto com a sociedade civil organizada e os movimentos sociais. Há uma grande rede solidária sendo construída em dias tão tristes e violentos.

Qual mensagem você deixa aos empregados da Caixa?

Maria Fernanda – Ninguém se salva sozinho, ninguém. Vou fazer uso das palavras do Papa Francisco: “Uma emergência como a Covid-19 derrota-se antes de tudo com os anticorpos da solidariedade”. Estamos juntos, contem comigo, espero que em meio a tanto sofrimento e perplexidade sejam portadores da esperança. Muito obrigada.

